

**A**

**Coordenador/ Professor/Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ**

**EDMUNDO PEREIRA / MNA 701 Teoria Antropologia I – Email: edmundopereira@mn.ufrj.br**

[reinaldopotiguara@gmail.com](mailto:reinaldopotiguara@gmail.com)

REINALDO DE JESUS CUNHA

DRE:122023596

## **R E S E N H A**

**ARGONAUTAS DO PACIFICO OCIDENTAL/ ILHA TROBRIAND  
Um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos  
Arquipélagos Nova Guine Melanésia BRONISLAW  
MALINOWSKI**

A presente Resenha do Estudo Etnográfico de Malinowski, permitiu-nos conhecer um pouco da vida cotidiana dos Nativos da Nova Guiné, em particular os Kula; A Cultura Tribal; O trabalho etnográfico cobre os aspectos políticos, econômicos e culturais. Embora a tese da pesquisa seja econômica, pois trata de transações comerciais. Malinowski estudou também outros aspectos correlatos, como: a organização social; A vida tribal e ritual mágicos. O lugar escolhido para o estudo foi o arquipélagos no 'extremo Leste da Nova Guine', Trobriand. O domínio da língua; O engajamento e compreensão dos problemas do comércio; brigas; falecimentos, disputas, acontecimentos públicos e cerimônias, possibilitaram o surgimento da obra. A pesquisa do Dr. Malinowski embora se debruce sobre os aspectos econômicos e transações comerciais. Malinowski ao adentrar no território local, embora com bagagem etnográfica de estudos acadêmicos. Desconhecia a natureza simbólica dos nativos da realidade local, seus costumes e crenças. As informações que recebera de guias brancos e/ou

mesmos residentes brancos, não conduziam a uma pesquisa etnográfica por ser amparada por preconceitos ou mesmo ignorância a respeito dos nativos da Ilha de Trobriand. Segundo Malinowski, a pesquisa deve se alicerçar em três princípios de bases etnográficas: “O autor deve possuir objetivos genuinamente científicos da etnografia moderna; O pesquisador deve assegurar boas condições de trabalho, vivendo com os nativos sem depender de outros brancos; E aplicar certos métodos de coleta científica, manipulação e registro de evidências”. Para Malinowski, o lugar de acomodação do branco no local deve ser longe o suficiente para não contaminar a pesquisa, pois os nativos não são companhias adequadas para o homem branco. Só convivendo, vivenciando, conhecendo os problemas, compartilhando idéias de forma descompromissada, é que ela flui e passa ter algum sentido. De fato conta Malinowski que é na experiência prática na aldeia, acordando cedo, ouvindo os murmurinhos, até mesmo observando intimidades pessoais dos nativos, como ir ao banheiro, cozinhar, sair pra realizar tarefas; brincadeiras das crianças, brigas triviais, e partilhando os festejos e/ou fúnebres é que permite uma visão gestalte sobre as experiências e vivências locais. Com o tempo conta Malinowski, os nativos nem percebiam mais a sua presença e passaram aceitar a sua presença sem o aspecto inquisidor de quem está sempre interrogando a procura de algo. Esse gelo segundo Malinowski era quebrado com a partilha do tabaco, mas sem, contudo: “ser persuadido pelas boas práticas e boas maneiras que os nativos lhe advertiam”. As idéias preconcebidas para Malinowski: “São perniciosas a qualquer estudo científico; E a capacidade de levantar problemas, no entanto, constitui uma das maiores virtudes dos cientistas”. Sintetizado: O pesquisador teórico depende do objeto da pesquisa, mas o que faz a diferença é que o próprio seja um pensador teórico. “E nesse caso o encontrará em si próprio todo o estímulo a pesquisa”. A coleta de dados e fatos do cotidiano da pesquisa, finaliza: “Nossa responsabilidade não deve limitar-se a levantamento de dados apenas... mas o levantamento exaustivo, de todos os fatos ao nosso alcance”. Segundo Malinowski, esse grupo étnico, “caracteriza-se pela ausência de canibalismo”. Antigamente conta: “Os nativos eram canibais

caçadores de cabeças e costumavam atacar de surpresa seus adversários”. Segundo os estudos: “Não possuem chefes; A autoridade é exercida pelos membros mais velho, idosos da comunidade. A Nova Guiné, “é de Clima tropical, e quase não se percebe épocas de seca e chuva. O visitante que tem sorte, conta Malinowski, pode em época de festa: “ouvir o som melodioso dos búzios soprando”. Alguns lugares, onde as casas, ainda em perfeito estado, encontram-se abandonados devido à morte de um dos mais velhos da aldeia. As mulheres exercem o poder e são bem tratadas pelo grupo. Os casamentos são duradouros. Os grupos sociais são totêmicos, divididos em clãs. Não há chefia, o sistema hierárquico é dado pelo mais velho de todos os clãs. Outra pessoa de enorme respeito é o feiticeiro, que conhece os malefícios e os benefícios da reza para a cura e também para o infortúnio da vítima. Segundo a crença: os espíritos dos mortos vão para o topo do monte, onde refugiam todas as almas dos mortos do arquipélago. Segundo Malinowski, é difícil descrever a sensação de ser etnólogo ao aportar no arquipélago. Em suas observações pode perceber que existiam pessoas de boa posição de prestígio. “Na presença do chefe, nenhum nativo ousa ficar de pé”. Logo que aportamos no arquipélago. Malinowski disse que as mulheres desapareciam do local: “As mais jovens correm a esconder-se na selva atrás da aldeia e até as velhas feias, desapareceram de vista, refugiando-se nas choupanas”. Para ter contato mais estreito e ver a fabricação de objetos de barro, feitos pelas mulheres: “Temos que atrair alguma velha para fora do esconderijo, oferecendo generosas porções de tabaco”. Para Malinowski: “A mulher casada se caracteriza por obediência às leis de castidade e fidelidade”. Com relação aos alimentos, provem em parte da ‘pesca feita com pipa e armadilhas, a qual não rende muito’. Ainda sobre as moças, a castidade é desconhecida. “Elas são introduzidas na vida sexual ainda precoce, muitos dos seus jogos infantis, de aparente incidência, não são na realidade tão inócuos como poderíamos crer”. Segundo Malinowski, as moças passam a juventude fazendo amor livre. “Gradualmente vão envolvendo em casos mais sérios e duradouros, uns dos quais termina em casamento”. Continuando... “Antes que isso aconteça às jovens solteiras são livres para

fazerem o que quiserem, para arranjos cerimoniais em que as jovens da aldeia vão a grupos a outros locais, para namorar. Ali se põem em fila para inspeção e cada uma delas é então escolhida por um rapaz para passar a noite”. Com relação ao casamento e o prestígio da mulher na aldeia dos habitantes de Trobriand, já que ela tem a obrigação de contribuir para a economia do lar. “O homem deve tratar a mulher com muita consideração, pois ao contrário, ela que ainda guarda um grande quinhão de independência, simplesmente o abandona e volta à casa paterna”. E o marido deve fazer de tudo para recuperá-la: “persuadindo através de presentes para recuperá-la”. A mulher tem total independência para procurar um novo marido. Descrendo o lugar, conta: “No entorno são possível ver as algas, leitos de corais com uma variedade de formas, plantas e peixes”. E salientou: “É difícil descrever a sensação do etnólogo ao adentrar pela primeira vez no arquipélago; A aparência dos nativos, seus gestos, e seu tipo fazem construir bom ou mal presságio para a esperança de uma pesquisa fácil e rápida”. Levando em consideração os estudos etnográficos de Malinowski sobre os Kula, costumes, crenças, tradições, e olhando com distanciamento do objeto da pesquisa. Aprendemos que a pesquisa etnográfica: “A verdadeira pesquisa científica difere da mera procura por aspectos curiosos, exatamente por que ela busca o extraordinário o singular e o fantástico”. Sendo nas palavras do autor: “A ciência por outro lado, precisa analisar e classificar os fatos para colocá-los num lado orgânico, para incorporá-los a um dos sistemas nos quais tentam agrupar os vários aspectos da realidade”. Concluindo o objeto da pesquisa: ‘Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos Nova Guine Melanésia’, sobre os Kula. Malinowski assim descreve: “E, na verdade se a descrição for bem feita, o observador deve ter conseguido transmitir ao leitor a melhor parte dos conhecimentos”. Finalizando: “É necessário reconhecer por serem gerais os aspectos; As características fundamentais de um fenômeno etnográfico não deixe de ser empíricos; E por tanto é tarefa do cronista terminar seu relato com um coup d’oeil sobre a instituição que foi descrita”.

## **OS NUER / E.E. EVANS- PRITCHARD - Uma descrição do Modo de subsistência e das Instituições políticas de um povo Nilota**

Os Nuer: “Uma descrição do Modo de subsistência e das Instituições políticas de um povo Nilota”. Foi escrito por E.E. Evans Pritchard, de um povo eminentemente guerreiro. Ele é convidado pela administração Britânica para estudar os Nuer, e tinham a colônia acabado de bombardear o território, gerando grande descontentamento dos grupos, e subgrupos locais. Na pesquisa de Evans Pritchard, em tese, não poderíamos classificar o trabalho na mesma perspectiva de Malinowsk, quando nos referenciamos e classificamos o etnólogo como pesquisador, observador participante. Toda condição de passar vinte meses com os Nuer, não foi uma pesquisa fácil, e a pesquisa não segue uma classificação de trabalho de monografia. O professor Edmundo Pereira, vai indagar: “Há uma diferença de colocar uma barraca ao lado da aldeia para observar e o trabalho etnográfico”? São coisas diferentes, diz. Com relação aos Nuer, continua: Evans Pritchard usou sua influencia do governo britânico, para usar os dados. Daí podemos dizer que a pesquisa de Malinowski, difere de Evans Pritchard; pois a seu ver, Malinowski teve maior oportunidade de investigação em trabalho de campo. E com isto relata: “Permitiu popularizar seu trabalho com um publico além dos interesses dos antropólogos; Da criação do mito do etnólogo; Da poética do ser antropólogo”. Já o estudo de Evans Pritchard não pode ser classificado como trabalho antropológico propriamente dito, reflete... “Muito das suas pesquisas vieram da administração colonial, onde ele aproveitou estudos dos segmentos, subgrupos e usou os dados para suas pesquisas; Os Nuer eram considerados como um grupo político anárquico e complexo”. Acrescenta: “A dificuldade maior era entender a constituição como os grupos se constituíam a parti do ‘Estado’; Mas não o ‘Estado eurocêntrico’. A pergunta que Evans Pritchard, fazia com freqüência, era: “Como um povo poderia existir sem um estado”? Os Nuer e os Dinka são povos indígenas e/ou grupos políticos que se assemelham na língua e costumes. Os Atwot se concentram mais a oeste do Nilo e parece uma tribo que adotou muitos hábitos Dinka. Enquanto a Tribo Jikany da terra dos Nuer tem a origem nos Dinka. A similaridade dos grupos

pesquisados é resultado do convívio entre as tribos, o que criou uma identidade aparentemente comum. O sistema político dos Nuer engloba todos os povos que tem contato por origem de parentesco. Quando se tem necessidade em caso de guerra os grupos se unem em uma espécie de federação, Os Nuer não tem governo propriamente dita. A figura mais importante são os chefes em peles de leopardo que desempenham papel político preponderante. O clã é o maior grupo político de linhagens de ascendências e descendências. Os membros de cada conjunto permanecem unidos até a morte. As alianças e distribuição de tarefas podem estar adstritas a pequena coletividade. A guerra colonial contra os Nuer, fez recrudescer a sua antipatia a administração colonial. Ter perdido a guerra para as forças governamentais, criaram uma espécie de rancor e distanciamento dos Nuer, em face de uma série de arbitrariedades dos colonizadores. Segundo Evans Pitchard, Isso dificultou ainda mais a pesquisa de campo, devido a ressentimentos e arbitrariedade: “Vocês nos derrotam com armas de fogo, quando nos tínhamos somente lanças”. Com relação à força política dos Nuer, Pitchard vai dizer que, quanto menor é o grupo, mais coeso, mais unido. O que deveríamos nos perguntar na contemporaneidade é se os povos primitivos vêem alguma diferença no que nós classificamos como naturais e místicos? Não podemos admitir que seja a mesma coisa, pois estamos em mundos e modos diferentes. Evans Pitchard vai dizer que ela é percebida em sonhos: “Não se trata de uma noção evidente; ela transcende a experiência sensorial. Os Azande não afirmam que compreendem perfeitamente a bruxaria. Sabem que ela existe e age maleficamente, mas podem apenas conjecturar sobre a maneira pela qual age”. Não existe uma representação elaborada e consistente da natureza que esclareça sua conformidade com seqüências e inter-relações funcionais. “Os Zande, atualiza essas crenças, mais que as intelectualiza, e seus princípios são expressos mais em comportamentos socialmente controlados que em doutrinas. Daí a dificuldade em se discutir o tema da bruxaria, pois suas idéias a esse respeito estão aprisionadas na ação, não podendo ser utilizadas para explicar e justificá-la”.

## **BRUCHARIA, ORACULOS E MAGIA ENTRE OS AZANDE E.E. EVANS PITCHARD**

Publicada em 1936, esse estudo antropológico que ficou conhecida na etnografia, como estudo da verdade de Evans Pitrchard, alicerçada ao método malinowskiano do trabalho de campo. A materialização dessa proposta se deveu a aproximação entre a antropologia, filosofia, psicologia no lançamento de “Brucharia Oráculos e Magia”, no estudo da contemporaneidade; ‘sobre: a natureza, cultura, racionalidade’. E a partir desse estudo do infortúnio da bruxaria, buscou o autor: uma política subjetiva de intencionalidade; Não fenômeno e conceito. Os estudos apresentados dos Azande fez-nos acreditar que: “Um bruxo não pratica ritos, não profere encantações e não possui drogas mágicas. Mas sim ato psíquico; A bruxaria é uma substancia inerente ao corpo do bruxo; Está presa à beira do fígado; Quando se abre a barriga, basta furar a substância-bruxaria, que ela explode com um estalo”. E seus ensinamentos são passados para o outro pela ancestralidade. “Quando a alma do homem é mais forte, nascerá um menino; quando a alma da mulher é mais forte, nascerá uma menina”, mesmo sendo marcadamente patriarcal. Para Azande, mesmo que um homem seja filho de um bruxo e tenha substância da bruxaria em seu corpo, pode não ser ele que usou. O papel do adivinho é de suma importância, pois se ele disser que não tem bruxaria, ele não tem, mesmo que a pessoa tenha infortúnio. Contam os Azande que: “Se um homem vê a luz da bruxaria, ele apanha um pedaço de carvão e guarda debaixo de sua cama, para não sofrer algum infortúnio por causa da visão”. Para os Azande, existe diferença entre bruxaria e feitiçaria. Pois: “Os efeitos da bruxaria acarretam morte lenta, pouco a pouco, pois é somente depois que um bruxo devorou toda a alma de um órgão vital que a morte sobrevém”. Já se um homem cai doente rápido e gravemente doente, “ele pode ter certeza de que foi vítima de feitiçaria; E os bruxos quando alguém esta muito doente é chamado para curá-lo”. Caso contrario: “também podem lançar objetos chamados anu mangu, coisas de bruxaria no corpo daqueles que querem ferir”. E Isso: “causa dores no local em que se alojou o míssil, e um

adivinho, em sua função de curandeiro, é solicitado a extrair os objetos patogênicos, que podem ser coisas inanimadas, vermes ou larvas”.

### **Análise Conclusiva**

Os britânicos em seus estudos da antropologia e de guerra, e manutenção de poder: “Levam em consideração para efeito da manutenção do poder político; A herança e o modo como são transmitidos conhecimentos e posse”. Segundo o professor Edmundo Pereira PPGAS: “O parentesco reflete direitos, deveres e poder político”. Nos Azande, se a pessoa tem um infortúnio, ele pode consultar o adivinho para saber se o mal foi enviado por um vizinho ou alguém. Os colonizadores a pesar de usar a bruxaria, feitiçaria como forma de manter o poder colonial. O povo sempre desconfiava das ações dos colonizadores, “pois os seus direitos esbarravam nos interesses coloniais”. Um ponto em comum entre o trabalho de Malinowski, Evans Pitchard e outros antropólogos britânicos, conta: “É que eles são brancos e alinhados a administração colonial”. Os Azande, continua: “Ainda que represente para colônia um modelo de reinado; O rei foi morto pelas tropas coloniais”. Mas qual é a antítese da ciência, religião e magia? “A sociologia da religião foi um modo de distinguir a religião do cientificismo, da produção de conhecimento”. O professor Edmundo Pereira, nos brindou com uma síntese bastante interessante com relação à escola francesa e inglesa: “A órbita na morfologia, das formas que se apresenta, é da ordem das categorias mentais, das imagens; A matriz disso é a categoria da religião que é a prática dos rituais e atos cerimoniais e o mito”. E questiona-se: “São essas dimensões que são usadas por Evans Pitchard”? Será que o objetivo é saber qual o questionamento dos atores envolvidos? Ao escrever sobre povos primitivos será que importa saber de bruxaria? Será que faz alguma diferença? Ou basta apenas descrever como as pessoas acreditam nela? Evans Pitchard vai dizer: “Não é o trabalho de campo que é importante; E sim, quando você volta para a conclusão do trabalho; Mas é preciso reconhecer que há certo fingimento em tais esforços de participação, e os povos que estudamos nem sempre acolhem bem”. Na verdade diz: “Entra-se numa cultura, mas ao mesmo



tempo, guarda-se uma distancia dela”. E sublinha: “Não é possível o antropólogo se tornar um Zande, um Nuer, ou beduíno; A atitude mais digna é manter-se distante”. E conclui: “É mais importante sermo-nos mesmos, e nada mais; membros da nossa própria sociedade, visitantes de uma terra estranha”.

### **Referencias Bibliográficas**

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. SP: Abril Cultural, 1984 (Prefácio, Introdução, Caps. III-V, XIX, XXII). \_\_\_\_\_. “An ethnographic theory of language and some practical corollaries”. In: Coral Gardens and their Magic. Volume II: The language of magic and gardening. London: George Allen & Unwin Ltd., 1935:pp. 3-74.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer. Uma descrição de modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. SP: Perspectiva, 1993:pp.5-22;151-200 (Introdução, Cap. 4). \_\_\_\_\_. E. E. Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, 2005:pp. 33-81; 111-128; 243-255 (caps. 1-3, 6, Apêndice 4). KENYATTA, Jomo. Facing Mount Kenya. London: Martin, Secker and Warburg, 1938. (Preface, Introduction, Caps. I, XII, Conclusion).